

Rosa numinosa



DIEGO MENDES SOUSA

Rosa numinosa

Teresina-PI
2022

Copyright © 2022. Diego Mendes Sousa.

Todos os direitos reservados. De acordo com a Lei nº. 9.610, de 19/02/1998, nenhuma parte deste livro pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação de informação ou transmitida sob qualquer forma, por meio eletrônico ou mecânico, sem prévio consentimento do autor.

CAPA E PROJETO GRÁFICO | Paulo Moura

ARTE FINALIZAÇÃO | IrmãodeCriação

ILUSTRAÇÕES | Paulo Moura

REVISÃO | O Autor

IMPRESSÃO | Gráfica do Povo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sousa, Diego Mendes.

Rosa numinosa / Diego Mendes Sousa. --

1. ed. -- Teresina, PI : Ed. do Autor, 2022.

ISBN 978-65-00-41165-2

1. Poesia Brasileira I. Título

S725r

CDD-B869.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Para **José Francisco Paes Landim**,
intelectual e piauiense arraigado
ao coração da pátria.
Amante da Parnaíba e meu amigo.



Prefácio

Quer em “Gestas das ruínas e dos telhados tostados”, quer em “Andilhas surradas”, quer na “Alba da alma dispersa”, o poeta Diego Mendes Sousa elude o alarido do tempo e os dramas da vida a cantar “Salmos à gleba das carnaúbas”; e, ao final, brinda o leitor com uma *Rosa numinosa*.

Leia-o — sob o manto do onírico “vocabulário das iluminações” — e se deleite (e sangue) com o elegíaco em versos que transcendem: “Os barulhos do tempo / voando / entre as estrelas, / no silêncio da voragem / lá fora: / a noite e os seus muitos / segredos”.

Clauder Arcanjo



Apresentação

Em *Rosa numinosa*, o poeta Diego Mendes Sousa, com inusitado domínio, colhe o acontecimento poético nas memórias de infância, na natureza, no amor pela musa Altair e pelos amigos, na tristeza dos tempos atuais, para transmutá-lo em versos bem construídos, nos quais toda palavra importa à arquitetura imagética da obra.

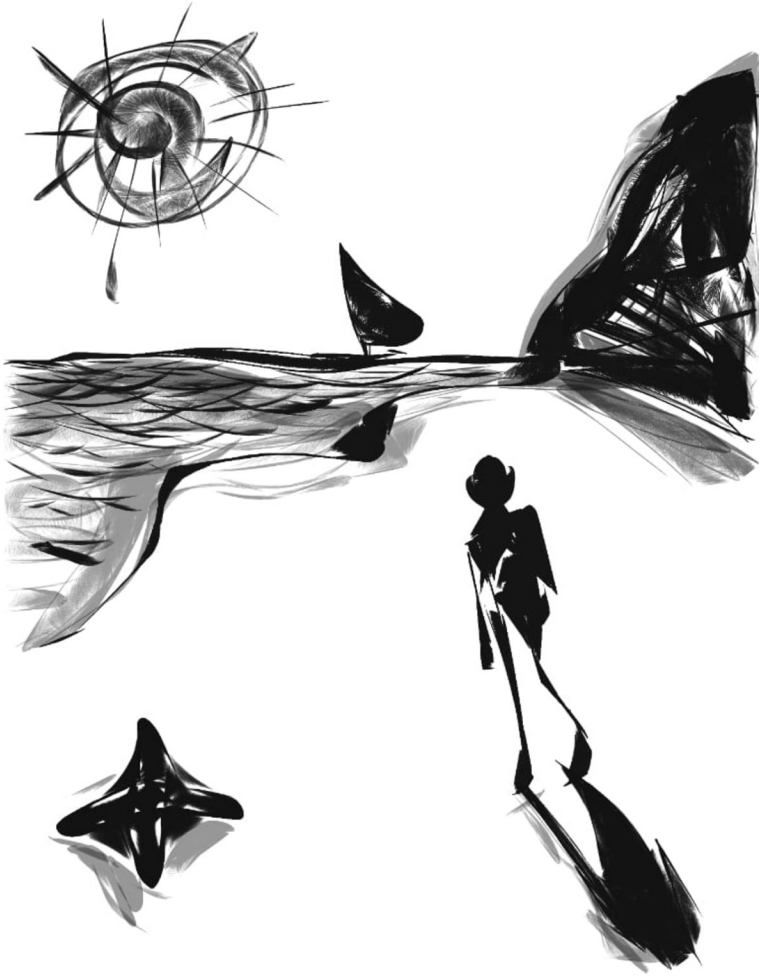
O precioso excerto do poema *Gesta do tédio*, “Declaras ao mundo /os sentimentos e /o teu espanto jamais acabará!”, constitui a síntese deste belíssimo livro, cujo alumbramento arrebatou os que se lançam a sua leitura.

Noélia Ribeiro



*Gestas das ruínas
e dos telhados
tostados*

misterioso



Gesta da água

“Há sempre um copo de mar
para um homem navegar.”.

Jorge de Lima

Nesta grandíssima manhã
de primavera,
as portas
da minha casa
estão abertas
para a visita
fluida da beleza.
Altair é a susana da minha poesia
e da minha vida.
A solidão habitava o feiume
dos meus gestos e
querençoso eu esperava
o tempo.

Hoje caminho tardo
pelo vento oeste.

Meu coração vagueia
no mapa das ruínas
e infesto o campo dos
silêncios.

Cada ruído pressentido,
diz da alma.

Cada rastro revelado,
diz da vidência, essa
alegria
a se eternizar.

Mancham os céus de um cinza cruel
e morrem
os oceanos
em mim.

Eu que sempre
fui água,
mansidão
de peixes
e de siris.

Ser líquido
na chuva,
rio no mar naufragado.

Eu que sempre
fui água,
a escorrer
pelo sangue das marés.

Ó manhã
devastada no belo!
Assim é a ceia farta
dos maremotos
escondidos!

Queda,
quebra,
estrondo

elegia da natureza
encantada,
sou água!

Gesta do tempo

“há folhas no meu
coração, é o tempo.”

Aldir Blanc

Lembro como
se fora hoje
o tempo de ontem
e de agora,
essa memóriailhada,
despencada de um
passado bom.

Tudo era celebração
em mim.

Nada passava ao acaso,
porque nada era mesmo
sofrimento nenhum.

Nenhuma ranhura visgava
a alma.
Nenhuma mácula!

Tudo era vida
nessa festa
sem alguma
dor de amor.

Tudo era
- vou pensar assim –
já prece alada
nessa ferida
de um sonhador agônico!

E, por ora, permaneço
o bagageiro
de estado vespertino
mudo e perdido
diante da morte.

Os laços vencidos
desse tempo
de outrora
temperados
de sorte
desde então e ainda
sou o meu próprio
passageiro
áspero e cruel,
à espera do destino.

O nada passa ao acaso
e lembro-me de tudo, porque
a lembrança, a nostalgia
às claras, a saudade
inesperada e o caminho de um adeus
são todas as coisas reais:
o sol que se põe, o rio que corre,
a chuva que cai, o menino que chora...

Os barulhos do tempo
voando
entre as estrelas,
no silêncio da voragem
lá fora:
a noite e os seus muitos
segredos.

Gesta do amor

“Não, não vou por aí! Só vou por onde
Me levam meus próprios passos...”.

José Régio

Sem você tudo é bálsamo
amargo.

O amor é uma folha
transtornada
no tempo,
sem você.

Mais tarde,
a claridade dos sonhos
de um grande amor,
nada será,
sem você.

O tempo acelera
a saudade
desse amor de imensidão.
É você, com esse sorriso
de pássaro, com essa voz

de um doce acalanto
no eco da alma,
que afoga
os cantos
da dor,
que sobrevive
ao vento
em mim.

As águas imaginárias
são espantos
de uma força rasgada em gesta,
que vem de você.

Sem você, o que seria do
meu olhar
de absinto
que tudo diz
sobre esse
amor de poeta,
que traz
somente você
no coração.

Bálsamo amargo,
borra-botas é a vida,
sem você.

Tudo flui
sem graça,
nada é,
sem você.

Meus gestos
estão em você,
como a noite
está dispersa
nas estrelas,
como a noite
está negrinha
sem lua,
como a noite
está nua
em você.

Bálsamo amargo,
pé-rapado é o Amor,
sem você.

Gesta do pantempo

Para Moisés Chaves

“Quero é perder-me no mundo
Para fugir do mundo.”.

Augusto Frederico Schmidt

No fundo,
é tédio.
O desespero
como companheiro,
a tarde desata
os seus tons
de róseo
e cinza.

Morre
dentro de mim,
o velho poeta passadista,
que padece
da dor
dos precipícios amargos
e demasiadamente
violentos.

A vertigem
do tempo
é uma
sombra
paralítica
a rir dos frágeis
gestos
da testemunha
irrevelada.

Trago nos olhos,
a tristeza
das voragens,
uma certa melancolia
acesa,
travada
nos arreios adormecidos
da infância,
que ultrapassa
a existência,
por ser repositório
de saudades
e eternidades
infindas.

O sonho
é uma bile negra,
o rastro das descobertas
sem propósitos aparentes.

Digo muito
das telhas
despencadas,
dos mistérios
que dormem
nos anseios
dos pássaros
insulares.

Comovo-me
com palavras felizes:
girassol, campo, andorinha,
céu, riacho, relva,
cavalo, boi, arado...

E mais alguma
procela
de pantempo
que move
o presságio.

O corcel
do universo
é amarelo

e vagueia
em seu abismo
de imagens.

O que tenho?

Miro a fonte
dos segredos.

A poesia é fuga...
Um partir desorientado
a seguir o rumo
do desencontro...

Correm fantasmas
nas noites
que clareiam
a alma
pé ante pé
na arribação
do cosmos
na agonia
que transcende
as velas
espantadas
do passado...

Cruzeiro do Sul (AC), Amazônia, 05 de abril de 2020.

Gesta da vivência

Para Miriam Castelo Branco

“meus olhos são pequenos para ver.”

Carlos Drummond de Andrade

Viver é tão precário...

Como doem
as esporas
da vida.

Ponteiro
que mascara
os sentidos.

Tarde azul.
Razão da nuvem.
Horizonte à tona.
Gotejo dos sonhos.
Espaço verde
do tempo.
Esboço do amor.
Espelho da eternidade.
Outras cores
estonteantes
a ferir
os girassóis
e as estrelas.

Tudo me faz
singrar comovido
em velas velozes:
velhos e novos
presságios mortos,
na vaga sonolência da luz.

O que fiz de mim?

Ser transitório
em ruídos,
no incêndio
de um deserto
furioso
e escondido
sob ventos
sem destino.

Criatura de rosto
transfigurado
e perdido
a afundar
o olhar baixinho
na brisa triste do mar:

o que fizeram de mim?

Cruzeiro do Sul (AC), Amazônia, 10 de abril de 2020.



Gesta do tédio

“(...) o tempo, com seu fio mais delgado,
no rosto já bordou sua nervura.”

Antonio Carlos Secchin

Precisas dominar
os espasmos
do tempo,
dormi-lo ainda mais.

Arrastas o caminho
que impede o voo do pássaro,
ao seu último destino.

Nenhum universo místico despencará.

Olhas o mar que permanece além,
em frente à terra do abandono.

Viajas só, na ilusão das águas,
com tantos nascedouros
de presságios.

O nado dos peixes
é um nada

ante o abismo
e a promessa das estrelas.

Oh Poeta,
decantas a dor
dos telhados
estilhaçados e
sobreviventes
da alma desenfreada,
do marasmo oceânico
do tédio.

És o espantalho estraçalhado
de um corpo perfurado
de sonhos,
delírios do real.

Tão perto
estão as tristezas cruéis
que assaltam
os mistérios
e as sombras.

Pensas na distância de tudo.

Rasgas as folhas
do massacre.

Compartilhas a angustiante
urgência
na agonia
que devora
o ser.

O teu existir amordaça
o íntimo

e sangra
as mãos.

Desejas o horizonte deserto,
a morte não findará o rastilho da vida.

Seguras a rosa orvalhada e passageira
de suave perfume.

Deténs também imagens
de suprema beleza.

Simplesmente, resgatas a carência
do mínimo festejado,
mergulhado
na abundância
dos cristais inocentes.

A noite é tão bonita...
O amor, uma flor de intensa coragem!

Guias os passos,
de um coração estancado

nos velhos laços feridos:
a casa que ficou para trás,
no choro luzidio
dos pertencimentos ilhados em ti.

Perdes as palavras...
O vocabulário das iluminações...

Crias o antigo relicário da nudez
e entregas os silêncios
à própria sorte.

Depois,
a chuva
lavará
as lágrimas
do carrossel
em fúria,
que te toca
a face
porcelanada.

Assim, perdes as ternas palavras.
Declaras ao mundo
os sentimentos e
o teu espanto jamais acabará!

Cruzeiro do Sul (AC), Amazônia, 09 de maio de 2020.

Gesta do onírico rio das muitas almas

Para Márcio Souza

“É tempo de partirmos para o espanto desmedido.
Do que fomos, fizemos ou cantamos,
Ficará, apenas, o invisível traço
Do voo da ave indivisível
Que se consumiu no espaço.”.

L. Ruas (Manaus, 1931-2000)

Muitas almas dormem nos rios da Amazônia -
que acesos dos sonhos humanos
viajam como pássaros
delirantes
para rumos inexatos
ante o alarido do tempo.

Muitas almas dormem nos rios da Amazônia –
não somente os espíritos secretos da floresta –
que vitalícios nas ilusões de uma lenda
encontram o fundo vagido
de todos os seus encantamentos
e de cabalas indígenas
também revestidas
nos presságios
que naufragam...

Muitas almas dormem nos rios da Amazônia –
não somente os descaminhos
da cobra grande e misteriosa –
que imortalizada pelo brilho matutino
da sua ferocidade incomum
desperta no forasteiro afetivo,
melancolia e magia
ausentes
na ribanceira doída
de fortuna e de sabedoria comovidas,
nessas águas enchidas de clarões.

Muitas almas dormem nos rios da Amazônia –
não somente as vísceras dos peixes –
que noturnos
e abismados
nas noites
enfurecidas
por uma neurose atrevida da vida,
embebem sons
sob os dias que voam sem passar.

Leio os rios da Amazônia
com uma flor de lótus nas mãos
e espelhos d'agora e adiante,
como se o sésamo fosse a sombra

úmida
de Altair
e o existir: o rosário urbano do massacre
das muitas almas metafísicas apreendidas
que ainda descansam nos braços
desses rios de lume
escurecidos
- de fados sonolentos e de canções de ardor movidas...

Cruzeiro do Sul (AC), Amazônia, 13 de maio de 2020.



Gesta das vazantes veias

Depois da onisciência
da estrela Altair
na minha vida,
mostrei-te os selvagens
dentes
e a alvura branda
da alma,
ó bendizente felicidade!

E não me lembro ao certo,
quando ocorreu
a queda
desse astro
fugidio
do céu.

Sei que vi o brilho
em meus olhos
de tapuio
e mais alguma cousa
que incendiava
o corpo.

E eram as vazantes
e as águas misteriosas
de um rio fecundo
e as veias
do tempo
se refazendo...

*Gesta da coroa
de louros ou de espinhos*

Meu pai
não
deixou
nada
que
perdurasse
a sua
memória.

Nada
sabia
do tempo.

Não era
dado
ao estudo.
Não era sociável.
Não tinha
amigos
influentes.

Não era influente.
Não conhecia outras
línguas,
nem era
afeito
à viagens.
Não garantiu
emprego certo.
Não detinha
posses.
Não possuía
sequer
um automóvel.

Não amealhou
a própria
dignidade.

Não aprendeu
absolutamente
nada
sobre as riquezas
franciscanas
necessárias
como amar
e ser amado,

nem soube
o que é
o conforto,
a paz, a liberdade
e sobretudo,
a amizade
de um filho.

Insistiu no erro
e esqueceu da verdade.

Se teve sonhos,
feneceram
à saída
da infância.

Era um
homem
aberto,
perdido
em sua
ignorância,
sem eira
nem beira.

Era mais
um errante,
um cigano
maltrapilho,
sem feitos.

Reconheço
que preservava
dentro
de si
um coração
humano,
que nada valia,
pois o seu destino
era contramão.

Não
escondia
os seus
inúmeros
defeitos
nem a vasta
listagem
de pecados.

Passou
pela vida
à esquerda
sem ser
testemunha
dos meus passos...

E se afastou
em noite
perdurável
dos duradouros
afetos.

Sem
o seu zelo,
sem
o seu carinho,
sem o seu
reconhecimento,
fiz caminhos
largos
longe
mui longe
de mim mesmo.

Contudo
meu pai
experenciou
ao menos
um mérito:

fez um poema
com sangue!

Quando
meu pai
adoeceu
e eu vi
o anúncio
do seu fim,

embargado
no peito
por uma dor
recôndita...

Descobri
o que me
perguntei
por tantos
anos...

Por todo
o seu avesso...

Por toda
a sua existência
desregrada...

Por toda
a sua distorção
em evidência...

a sua única qualidade,

em sua nítida
imperfeição,

foi ter sido
meu pai.

Meu pai
que ficou
aterrado
em minha
sombra!

Como
nestes
versos
sentidos
que são
a sua coroa
de louros
ou de espinhos.

Parnaíba, costa do Piauí,
28 de janeiro de 2021.

Andilhas surradas

místico



Nênia ao Delta do Rio Parnaíba: santuário manchado de óleo

“Manchas de óleo avançam pelas
ilhas do Delta do Rio Parnaíba”.

(Reportagem do **Jornal Nacional**,
16 de novembro de 2019).

“Um grande rio que forma um arquipélago
verdejante ao desembocar no Atlântico”.

Nicolau de Rezende, navegador português.

Minha casa está
invadida ocupada
apossada

onde era paraíso
agora é negrume
onde era beleza
agora é negrume
onde era céu
agora é negrume
onde era mar
agora é negrume
onde era praia
agora é negrume
onde era rio

agora é negrume
onde era ilha
agora é negrume
onde era mangue
agora é negrume
onde era deserto
agora é negrume

Minha casa
é o Delta do Rio Parnaíba
penetrada por Nicolau de Rezende
nos anos perdidos de mil e quinhentos
e tantos
descoberta por um naufrágio
penetrada ainda
encoberta ainda
pois desconhecida
onde abri as asas para a vastidão do tempo
onde abri o tempo para a imensidão das águas
onde abri o olhar para a infinidade dos guarás
onde abri o coração para os maraonis encantados
onde abri a alma para a vermelhidão do ser
onde abri a casa para na vida apenas sofrer

No Parnaíba
eu que venho da Parnaíba
eu que morei com os caranguejos
eu que me fiz íntimo dos siris
eu que vaguei em velas

sob o vulto de uma dor exótica
eu que cantei as xananas
eu que revivi na imensidade
dos cajueiros das amendoeiras das mangueiras
eu que morrerei de mim mesmo um dia...

onde o avejão faz labirinto
onde cavalos-marinhos dançam o amor
sem conhecer dos presságios e dos sonhos
onde tartarugas de couro escapam pelas marés
e pelo infinito
e nunca mais retornam
porque se esquecem das ondas de volta
como também eu não regresso
aos lances noturnos da minha alma
marca negra ao longo da praia

minha cidade é uma claridade
minha cidade é uma profetisa
minha cidade é uma emboscada
cruel e fora de si
minha cidade é um sino
uma catedral e um silêncio
minha cidade é um hino
minha cidade é um girassol

e eu giro no arrebol e no carrossel
no sol litorâneo e no sal das dunas
que ardem desde
a minha infância

e armadilho um canto triste
no Delta do Rio Parnaíba
que está invadido de mancha
mancha de óleo negro
mancha de carvão
mancha de asfalto
mancha de grude funesto
mancha de piche escuro
mancha mancha mancha
mancha do desprezo
mancha da ganância
mancha do esquecimento
mancha da memória
mancha de óleo negro
mancha de óleo negro
mancha de óleo negro
mancha desonra nódoa
mácula do homem
animal da devastação

Minhas praias hoje interditadas
Pedra do Sal Atalaia Peito de Moça
Caiçara Pontal Barra da Melancieira
setenta e três ilhas
dunas lagoas manguezais
Ilha Grande de Santa Isabel
Ilha dos Poldros Ilha do Passeio
Ilha do Caju Ilha das Canárias

Parnaíba Luís Correia Cajueiro da Praia

Araioses Tutoia

Oh Deus Oh Deus Oh Deus

Oh Deus dos pescadores

Oh Deus dos berçários

Oh Deus dos paradisiacos

Oh Deus dos ecologistas

Oh Deus dos turistas

Oh Deus dos marinheiros

Oh Deus dos banhistas

Oh Deus dos bichos

Oh Deus dos perdidos

Oh Deus da Amarração

Oh Deus do Parnaíba

Oh Deus da Parnaíba

O rio se distende em cinco braços

no desejo de um oceano

o Atlântico a América

o Norte o Sul

o Maranhão o Piauí

minha casa fluvial

minha casa invadida

minha casa interdita

minha vida minhas carnaúbas

Marinha IBAMA ICMbio

navio patrulha

fiscais coletas amostras

e o Delta do Rio Parnaíba
acometido adentrado alastrado
de mancha negra de óleo grudento
de mancha de óleo negro colando
em suas águas doces em suas águas salgadas
em seu santuário marinho
água água água

mancha de óleo negro
de negro óleo se espalhando

O Delta do Rio Parnaíba
é a minha casa
é a minha morada
é a minha vivenda
é a minha casinhola
é a minha mansão
estou sangrando
estou chorando
estou pranteando
estou lacrimejando
o absinto das águas
pelo horizonte obscuro
que ameaça a riqueza natural
que aflui do Parnaíba
e estanca em mim

Cruzeiro do Sul (AC), Amazônia, 17 de novembro de 2019.

Nota: o Delta do Rio Parnaíba sobreviveu ao impacto causado pelas manchas de óleo.

Francisco

*“Por que sois tão medrosos?
Ainda não tendes fé?”*

por mim e por ti
para o mundo e
para a cidade
em que me perdi
a oeste
da minha casa.

tempo por sangrar:
mar sem ar
em águas
além do lugar
além das paragens
amargas
dos séculos.

fico à deriva
a querer reabitar
o que as folhas
do outono febril
pregam

no corpo
das coisas
que doem
e levam até
o abismo
da inescapável e
tormentosa morte.

para Roma
para Madri
para Paris
para Londres
para Nova York
para São Paulo
para Buenos Ayres
para a sombra da infância desperta.
sem pai sem mãe
nem avô nem avó
sem os gestos
dos irmãos
nem primos nem amigos.

ó mundo, ó solidão,
nuvem de chumbo
desaba aqui...

o céu é um fantasma cruel!
miragem de desertos abertos
que calham o frio
que arde nos olhos.

para a cidade
para a paisagem
para a atmosfera
para o horizonte
terrestre e enigmático
a odisseia a amazônia
o parnaíba o tigris
o nilo o yangtzé
as geografias
que flutuam
em mim...

Francisco me ensinou
a não ter medo.
passageiro
urbe et orbi
ressuscitado das tempestades
no desafogo da fé.

Cruzeiro do Sul (AC), Amazônia, 28 de março de 2020.



Coronavírus

Para Fonseca Neto

“Sem despedidas, sem o velório necessário, o caixão lacrado: é uma das maneiras de o vírus definir a crueldade de seu método e assombrar o futuro.”

Joaquim Ferreira dos Santos

Vem
de um tempo escuro,
chega devagar e inóspito.

Como a madrugada mal dormida
de outras eras,
aporta do século catorze,
não é americano nem espanhol
nem chinês,
e invade sorrateiro
como a besta noturna.

É misterioso
é invisível
e sufoca
o homem
em vastidão.

Mata sem ar
o seu hospedeiro incrédulo.
Massacra a família,
isola gente,
maltrata
os mais velhos
e os já doentes.

É um vírus maligno, desumano.
Sua única identidade
é reescrever
a história da humanidade.

Vírus que provém bem de longe,
além oceanos,
amarga
a flor dos relógios
e dos corações
em vagido
obscuro.

Sua memória
abriga a dor...
Sua casa:
o desejo
de apressar
o massacre.

Chora a Itália, padece a Espanha, espalha-se
pelas Américas
e pelo continente africano.
Desditoso, ah,
e em desalento,
o seu rastro
é devastador.

Carrega os vivos
é desigual
e futurista.
Oh, almas imperfeitas,
a levar os assombros
da vida.

No amanhã,
caminharemos perdidos
por um olhar grave,
decerto,
despovoados
da eternidade.

Os dias serão agônicos
e as noites
tardas e tristes.

Os cantos do céu
estarão
na brevidade
de um adeus
aos mortos
que não veremos...

Oh, coronavírus!
A ferir o horizonte
com o seu signo indiferente
ao humano.

Oh, vírus!
Piedade, piedade...

Na hodierna aurora
dos passos da Criação
sem a claridade!

Cruzeiro do Sul (AC), Amazônia, 30 de março de 2020.

Isolamento

“vamos dar vazão a toda essa dor,
porque se o fizermos juntos,
poderemos suportá-la.”

Concita de Gregorio

palavra nenhuma
suporta
a dor da solidão.

declaro o nome
dos meus mortos
no tempo
e trago para mim
a sílaba etérea
dos seus sonhos.

isolo os cravos
no crepúsculo,
porque sei
da porta
escura
da hora
seguinte.



só morrerei
na noite
em que estacado,
o meu coração
desistir de mim.

não posso
coexistir
mitigado
e desprovido
de amor.

quem poderá?
quem sobreviverá
ao fogo solitário
da vida
que preserva
o mistério
e a ironia
do não ser?

à distância,
prego o que sofro,
já que
no sofrimento
posso alegrar
o meu próprio fim.

ao norte do mar
da minha vida,
longe das areias
que perfuraram
os meus pés,
choro às escondidas.

poeta, pretérito do futuro,
o futuro no passado largo,
quem poderá
unir a alma
aos sussurros inaudíveis
do tempo?

quem poderá
escutar a beleza de um poema
quando tudo
for escuridão?

quem ainda terá rosto
para exprimir o atônito
negrume de uma
desesperança?

Cruzeiro do Sul (AC), Amazônia, 31 de março de 2020.

*Alba
da alma
dispersa*

mítico



Efatá!

ABERTURA -

Este grumete de Deus imaginou
que o mar fosse algo substantivo e aberto
tanto quanto o galope ferido
do seu coração em sangria.

Era um aprendiz do tempo
e dolorosamente
se encontrava espantado pelas correntes do eterno.

Naquela noite calada, na imensidão da paisagem,
pensou em sua avó distante.

Sonhara com o doce beijo de afeto
sobre o seu rosto macilento.

Era noite, horizonte escuro,
e a casa natalícia tremia na paixão
do seu olhar de terra dentro.

— *Minha avó é a causa do meu canto triste
e escrevo pensando no Amor esvaído.*

Ele não era mais marinheiro do seu destino.

Vivia a recolher a primavera do susto, de humano caído.
Dialogava por uma Língua hermética, de vocábulos absurdos.
Musicava poemas com instrumentos metálicos.
Levantava signos e símbolos auto ficcionais – estes, sem
rumo, por provérbios – destituídos de ambição aparente.

Efatá!

Seu pensamento ardia...

O fim das tardes sempre era um crime,
o céu em tons vermelhos.

Toda vez que os passos corriam léguas diante do tempo,
o rapazito rememorava a sua infância.

Deus quis que a sua matéria escorresse
como o antigo relógio amargo, ainda tardio e vivo,
na cozinha da sua primeira morada.

Aquele pêndulo barulhento manifestava solidão
em casa cheia, com altar para São Cristóvão.

Seu horizonte era fissura, fenda, fisga, buraco,
furo, greta, orifício, ranhura, rachadura e vão.

Seus sentimentos eram janelas, portas, brechas...
O silêncio gritava em delírio agônico.

A vida é surda para os grandes oásis mudos.

Seu olhar era dor escavada.

Efatá! A palavra mergulhada no clarão!

Esses mistérios todos pediam às aves noturnas:
não edifiquéis aqui o ninho!

Pois a gema explosiva era sangue de outra cor –
sorriso amarelo e pálido –
clara de menino escravo, dos seus próprios tormentos.

ESPAÇOROMBOVAZIOARROMBAMENTO – o doído, em si, rasgava.

Abre-te. Terremoto, vulcão, furacão, maremoto. Abre-te!

Floresta amazônica, 2019.

Amo cantador

Eh flor do tempo!
O meu boi é um menino
que foge do medo...
Meus sonhos vaqueiros
Meus cordões de dor
passam pelas ruas da infância
clarim de bumbar a noite tá! tá! tá!
Meu boi renascerá
Eh eh eh boi!
Minha azulada toada
ainda se ouvirá no evo
enquanto o meu boi
de repente magoado
se lembrar de acordar!

Memorial ao morto imaginário

Nublei os meus olhos
na alba da alma dispersa...

Imaginei-me morto.

O silêncio partido
de quem conheci vivo
e amei ensandecido
girou tardo e líquido
em minha inconsciência
de carrossel iluminado.

O mistério do desaparecido
terrenal
é intrigante e numinoso:
fica-se etéreo,
vulnerável,
à mercê da lembrança alheia.

Estar é não estar
horizontal na vertical
ou vertical na horizontal,
combustão passageira de sonho
na memória desfeita.

Floresta amazônica, 2019.

Rosas da terra incógnita

descobri que era selva
quando Deus golpeou
a minha infância

Floresta amazônica, 2019.

Nênia para um avejão carioca

“Amo-te assim, desconhecida e obscura.”.

Olavo Bilac

De Stella Leonardos,
nascida e criada na Gávea,
guardo a promessa da poesia:

voar alto, voar para longe
voar fora do tempo
dentro das distâncias
porque o voo irá além
do horizonte de uma ave!

Da última vez que vi Stella
- prefiro preservar as imagens da poesia:
ela vinha a descer,
soberana e castelhana,
com vestes vermelhas e a face de porcelana,
a escadaria principal do Petit Trianon
da Academia Brasileira de Letras.

Stella avistou a Musa Altair e a mim,
e disse-me, com revelado encantamento:

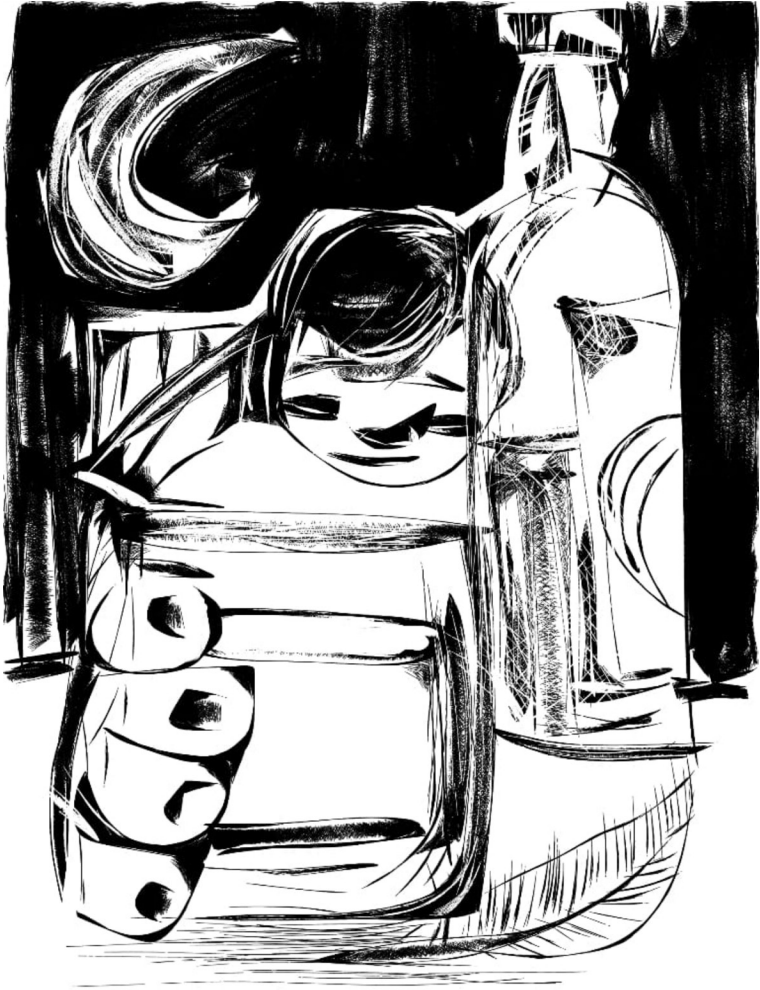
Aí vem Castro Alves e a sua Eugénia Câmara!
Passou as mãos no meu rosto... senti afeição...
Stella era mulher de finos gestos.

Estávamos em outubro
e a primavera purificava-se
com o aroma do mar
que provinha
dos poemas de Lêdo Ivo.
O Rio de Janeiro,
à margem da memória
de Paulo Barreto,
e nós três, na calçada
da avenida Presidente Wilson
onde Olavo Bilac e Manuel Bandeira
dominaram a imortalidade.
E ali, a patronesse da inteligência
pairava etérea, diante dos meus olhos,
como a consagração da escrita.

E eu, com um sorriso largo
de jovem inconsequente,
o pensamento nos astros...
e com a eternal idade
dos antigos românticos,
de um Casimiro às avessas,

declarei, de um jorro inesperado,
a minha admiração represada:
*Eis aqui a Poesia,
em carne e osso,
a luzir esta estrela,
avejão carioca, leonina,
dama literária, teatróloga,
romanceira, neolatina,
rainha memorável,
culto, generosa e bela,
a real flor do Lácio,
oriunda de Pasárgada!
Dias pássaros, Geolímica,
Rapsódias e Cancioneiros,
seus Passos na areia
e na Amanhecência
das nossas vidas!*

Floresta amazônica, 11 de junho de 2019,
data da morte de Stella Leonardos (1923-2019).



Cinza

Para Jorge Tufic (1930-2018)

Terminei esta manhã
de quarta-feira de cinzas
como a natureza do tempo
apresenta-se agora.

O vento espalha-se frio
é chuva que vem
dizer
que a saudade é
um murmurar melancólico.

Deus começa a chorar, Tufic!

Depois do reinado festivo
do momo
gota a gota, fico a relembrar
os seus versos a uísque
doze anos.

Guardanapos, pássaros, retratos,
noites, varandas, fraturas do Líbano...
Seu ócio secreto!
Os espantos amazônicos!

Vou lendo a tarde extrema
da sua floresta interior
e o coração hermético
dos seus mistérios,
a memória não espera.

A vida ainda é dor,
onde deuses abrigam
lágrimas e lembranças.

Velho amigo boêmio,
Jorge Tufic – derradeiro
Poeta de antanho –
na ressaca deste
e de outros milhentos
silêncios.

Parnaíba, costa do Piauí,
14 de fevereiro de 2018.

Procura

Busco os metais
que sagram a minha dor.

O que encontrarei mesmo?

Nada sei da ruptura solitária
de Deus

Creio apenas
que permaneço
mergulhado
no nó do mar
em noite
de lua cheia
- na revolta naufragada do ser!

e embarcado
nas procelas
e nos ventos,
que ainda
escapam
das sombras
da alma
e do tempo.

Felicidade por terra...
Sonho por margem...
Vivo fantasma...
Morto por água...

O que encontrei mesmo?

A terra e o ser

Chorar
desnuda
o ser.

A chuva
encharca
a terra.

O choro
limpa a alma,
molha o rosto,
lava o tempo
e a saudade.

O mar
escapa
pelas
artérias
da dor.

Chorar
é enxurrada
de beleza
que arrasta
as palavras
de amor.

Transitório

A casa da poesia
é a nuvem

e o poeta nu
vem

Folharal

Nas fazendas espalhadas no Cantagalo...
No brejo do Macacal... No Nova Parnaíba...
eu era menino e hoje me alembro
a folhada no escuro, a catirina, a burrinha,
o pai Francisco, o doutor cazumbá
a agonia do porrete de pano nas costas
a epifania de que o tempo era ali, na inocência
dessas folhas assustadoramente secas
bananeiras verdes na memória
quando o homem-mato
era a única alegria dos meses
de junho e julho
não havia cachimbada mais viva
que a de escapar do Folharal,
esse ser de máscara negra
com olhos de catrevagem
uma fumaça de espelhos estonteantes
para a minha evasão...

Salmos à gleba das carnaúbas

telúrico



Prelúdio para mar grande

Sempre reconto
os girassóis
e a claridade fantasma
de um arrebol perdido
na chama
sangrenta
de um tempo
massacrado.

Carrego os trovões
de um horizonte ilhado
nas sombras chuvosas
do fracasso.

Nos carrosséis
que correm nostálgicos
giram os velhos ventos
vivos
nas noites recolhidas
de uma aurora
que mais desaparece.

Revivo a olhar o mar
porque navegam comigo
os sais e as sobras
de um ser
afogado.

Na miragem
e neste céu azulado

estão encalhadas
as dores seculares.

Corpo em frangalhos,
trapos de um coração
espantado:
a minha alma é uma casa fantástica!

Ave insondável e chorosa
nos ninhos desertos
do meu silêncio.

Vago a observar o mar,
mas antes reabito
os sinais das águas
e o seu rito bonito
no finito de mim.

Gestos sozinhos, luzes sem memória.

Sou eu ali nas ondas, nas lembranças,
nos ontens, nos passados...

meus passarinhos, meus sacrifícios.

Mar grande
é também o meu amar bravo...

Parnaíba, costa do Piauí,
21 de novembro de 2020.

Malúrico

O mar encharca os estilhaços
do território onírico.

Sonho nas luzes marítimas
sem tempo prescrito.

Meus saberes, meus íntimos
toques de aleluia,
meus cajús coloridos do Labino,
eu mordo!
Devassos dentes doces...

O mar demarca a minha origem
retroterra, retrotempo, retrovida

Ó, o mar demarca a minha origem...

O mar registra a minha história
poesia-ondas poesia-dunas poesia-sóis
numinosa rosa de sal
as entranhas da geografia litorânea
essa alma estranha no trago estelar...

Pouco importam as palavras migratórias
tão-pouco o meu olhar interior e passageiro
invento a mim mesmo
nesse rito
de imagens
que escapam
pelo coração
da gleba.

Resisto malúrico!

Recolho as pérolas e desejo as praias
que embarcam e singram
os meus presságios...

Tenho pressa, meu Deus, tenho pressa.

Correm comigo os verdes olhos de Altair
também a violência do amar
e os seus abrolhos.

Tenho pressa.

Acelero os passos
e além disso resguardo um imenso lugar
onde guardo a fertilidade estacional
dos passarinhos em revoada frenética.

Os caminhos
ultrapassam os silêncios...

Os caminhos
ultrapassam os ventos...

Pratico o dia viúvo do passado.
Nada devo ao futuro.

Sou poeta que beija a terra
quando o universo explora
as suas saudades pátrias!

Terra Santa, terra vegetal
Linha de terra, terra de Siena
Parnaíba, seus tons descritivos,
rios, lagoas, mangues e o Mar!

Ah, o mar!
Que apressa os instintos indomáveis
e o chão salgado das tardes infindas...

No crepúsculo,
alertou-me Regis de Moraes Marinho:
“Seu canto malúrico ressoa
cada vez mais forte!
Bom parnaibano não é telúrico,
mas malúrico,
um ser das águas do mar!”.

Aí eu contradisse:

“Sou salvaterra,
perfuro o terreno dos abismos,
a minha aurora vaga.
E vou a lavar as mãos e os pés
nessas dores sanguíneas
pé-terra, mais valia, paraíso
Parnaíba, sol a pino,
minha Inglaterra às avessas.”.

Irriga banha adultera
terra mar ao mar amar
telúrico malúrico lírico
meus restos meus excessos
os sopros os gestos
o aguar desesperado do mar!

Parnaíba, costa do Piauí,
28 de novembro de 2020.



Sonata nos rasgos da praia

Gaivotas bailam desiguais
à sombra do impossível
feito burburinhos tristes
de versos identificados
com a fantasia solar.

Umas e outras
aves e grilhões
nas medidas
do tempo
navegam rasgos
azuis
no bulício das ilusões.

São afetos vagos
no céu ruído
da fértil alquimia.

São também
olhos vazados
do meu lugar
de anseios
à espreita.

Bailam gaivotas na distância
e é névoa ardente
o infinito da praia
fecunda.

Onde estão os sonhos?
E os assombros da dor?
E os arranhões da alma?

Mistérios
encalhados
no agora
mais
do mar.

O coração
do meu terral
(de cajuís e de siris)
sobrevive
à cata de mim.

Rasuro a vida
nessa claridade
de estranhamentos.

Extravio o exílio.

Parnaíba, costa do Piauí,
17 de dezembro de 2020.

O solar do poeta

É um solar antigo,
de janelões trabalhados,
recortados de presságios
e com jasmineiros
alegres.

Existem flores brancas
da cor da aurora
para além
de um céu claro
com luzes azuis.

De um lado do horizonte,
a vista se descortina
em telhados:
sujos encardidos ressecados
ao sol
e consumidos por poeiras
incrustadas
pela passagem ferina
do tempo.

É domingo
com sua paisagem
remota
e seus mágicos silêncios.

As telhas de terracota
anunciam apenas
o desafogo do vento,
que sopra os sais
oriundos do mar.

Este poeta hoje mira
os sinos
do seu deslumbramento
e lembra de alguns
dos versos de Luiza Amélia de Queiroz,
escritos
no histórico e lindo casarão
de azulejos portugueses,
mistificados na ambiência
romântica e charmosa
da Rua Grande.

Na Parnaíba,
minha memória é fotográfica.
A visão, pictórica.

A nostalgia singra
entre duas carnaúbas altas!

A torre da Igreja de Santo Antônio
aplaca
uma melancolia
de pássaro mudo.

O meu coração voa
entristecido
pela Rua Dom Pedro II,
onde viveu Fontes Ibiapina
com os seus papéis.

Do outro lado do retrato,

sagram minhas
mãos de poeta
prescritas
em peças
de dor,
onde reverberam
os mistérios
e as sombras da alma.

Parnaíba, costa do Piauí,
10 de janeiro de 2021.



Sobradão de Dona Auta

Desejo
Amor imortal,
viradouro dos janeiros
com anseio de proa.

A estrela Altair ao norte
onde aposso o miradouro
para admirar a constelação
ao infinito.

Altair oferta
os seus braços
de conveses
para este Dioniso
sujeito à morte.

Seu ancoradouro
de fêmea
é feliz paisagem
para este pelágico
iluminado.

Para esse Amor não há fim,
pois preserva o oceânico
e tudo aquilo que nele se deposita
às margens da memória.

As horas são imprevisíveis
e a saudade delirante.

O que induz ao cântico

é a força da deidade
de um Amor
não represado.

É tão galante,
um Amor fidedigno,
com vivacidade
nos olhares
cúmplices
com leveza
no coração
com sensação
de aconchego
na alma.

O Amor cintila as suas luzes mágicas!

No meu torrão,
na Parnaíba oitocentista,
uma História de Amor
avassaladora
sobrevive ao tempo.

Viúva por duas vezes,
Dona Auta
Rosa
Cesária
de Castello Branco
apaixonou-se perdidamente
por um estrangeiro altivo
navegador, aventureiro,
cruzador de mares,
guerreiro e garboso

que lhe fez promessas
e juras de Amor eterno.

Dona Auta
habitava
um sobradão,
de inúmeras portas
de enormes janelas
com sacadas de ferro
com vista para o Rio Igarapu
com horizonte
para o Largo
da Matriz
e também para a Casa Grande
de Simplício Dias da Silva,
um Senhor de grande riqueza,
detentor da cultura europeia
e de modos requintados.

O encanto do amor
de Dona Auta
residia na expectativa.

E quem espera,
conhece o lastro da dor.
Reconhece o martírio,
os incêndios do Amor.

Amor que esquece
os caminhos do regresso.
Amor que desaparece,
porque é dos seus feitiços:
o mistério.

Foi, decerto, um Amor de verão
com carícias fugaces,
que ficou na promessa.

À beira-mar,
a divagar
nas águas da praia
da Pedra do Sal,
Dona Auta fantasiava,
no Solar do Mirante,
o seu Almirante,
com seu fardão
de medalhão francês,
com seus gestos
delicados
sobre seu ninho
de superior amante.

Dia e noite.
Barcos à deriva.
Noites longas.
Madrugadas a fio
de insônia e de engano.
Os sentimentos
em emboscadas.
As imaginações
fascinantes.

Amor, como nas palavras de Salomão!

Intenso como a partida
de quem segue para longe.

Febril como a despedida
ressentida
de alguém que desapareceu
sem deixar rastro.

Amor como o vivido por Abelardo e Heloísa!
Amor como o sentido por Tristão e Isolda!
Amor como o arrebatado por Romeu e Julieta!

Amor, na trágica velocidade das paixões!
Amor, na triste sorte das vastidões!
Amor, nas lendárias compulsões!

Amor imorredouro,
em suas asas de condor
em migração.

Amor protetor.

Amor ferido,
sangrento
nas palavras
mais-que-perfeitas,
casa apunhalada
de sentidos.

Amor em seus tesouros
em seus guizos
secretos.

Parnaíba, costa do Piauí,
12 de janeiro de 2021.

Número 548

“Subimos o rio, a remo e a vela,
durante duas ou três horas. E saltamos
em Parnaíba, que era, como ainda hoje,
a cidade mais importante do Piauí.”

Humberto de Campos

São Sebastião ordenava
a primeira chuva do ano,
quando revolvi flunar
por minha terra.

Saí de casa
a caminho
da Praça
de Santo Antônio.

Parei depois
em uma rua,
que tem início
na larga alameda
da minha infância,
onde corri
atrás de uma bola e
brinquei de detetive,
a explorar
os terrenos
baldios
do meu lugar.

Joguei cabra-cega
e desvendei o mundo
no esconde-esconde.

Na outrora
rua Pará,
Dona Annica
fez erguer
uma residência modesta,
com janelas de madeira,
fachada retangular
e lateral avarandada,
onde passou
a residir
com os filhos.

Era final
do século dezenove
e as letras
passaram a ser
ensinadas
ao seu rebento.

A morada
de número 548
estava provida
de um quintal
e ali brotou
um cajueiro
diferente
de todos
os outros

espalhados
pela gleba,
fruto de uma
feliz descoberta.

A epifania
se fez
na folhagem
do tempo,
na voragem
dos sonhos,
e nos fantasmas
etéreos.

As mais finas
areias
das dunas
oriundas
do Labino
correram
sobre
o rosto
do pequeno
e despencaram
no chão
a arvorar
o inchaço
de uma
mística
castanha.

Humberto
era poeta

e eu fico agora
a pensar
em sentimentos
que não eram
meus,
mas que
mergulham
em mim
como se fossem
feitos
para mim,
um outro
menino
fecundo.

Lindo cajueiro
de caju tão doces,
aqui também
estou eu!

Parnaíba, costa do Piauí,
12 de janeiro de 2021.

O piauiense

Para Celso Barros Coelho Neto

Andarilho das percepções do tempo
o meu ser piauiense tem rosto
e sangue de Capivara
os Tremembé, os Tabajara, os Potiguara
todas as etnias extintas
transpuseram léguas de Caatinga
a roçar no Cerrado das Serras
Confusões, Pradarias, Sete Cidades
até alcançarem o oceânico
Poti, Canindé, Longá
do mar do Piauí
que se desmemoria
no Delta do Rio Parnaíba
em ilhas, dunas, guarás...
Igaraçu
paisagem barrenta

alma de lama
dos caranguejos
e exílio da noite
dos siris...

O Rio Parnaíba
em seu curso
de peregrino
caminha em estirão
por dentro
da Mata de Cocais
e suas águas sibilinas
com braços fecundos
de espanto
são outros retratos
Atalaia, Arrombado, Peito de Moça
Coqueiro, Macapá, Maramar,
Barra Grande, Barrinha
espelhados
no olhar abismado
e celestial das xananas

Oeiras, Teresina,
Parnaíba...
cajuína
cajueiros e caju
os bodes as éguas
os vaqueiros
os horizontes
de carnaúbas

e os carnaubais
no assobio
desse vento Nordeste
que atravessa também
a existência das cousas
campos verdes, chapadas,
lagos e lagoas
terra dos pias
terra dos piagas

Piauí... meia
geográfica brasileira
que calça
o meu sentido
de pertencimento
e não peço novo nome
para a minha origem,
sou daqui!

Rio

Desde cedo
desci ao encontro das águas
do meu reino

rapidamente

desci
como quem despenca
da luz
de incerta
forma
prematura

o encalço do tempo
a desvairada vazante

e o bojo do Parnaíba
a singlar
as suas miragens
e os seus fantasmas
na maior pressa

crescidos
sobreviventes

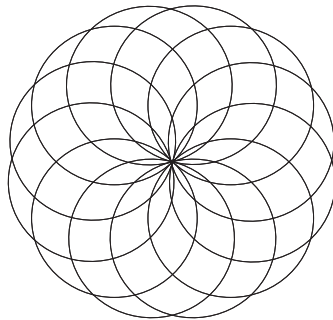
ao
mirante
disperso

diante
do meu
escândalo
humano

e retardado

O rio
da minha geografia
de poeta antecipado
é barrento

Igaraçu transbordante
do seu leito
os meus
mistérios



Tambores

O céu é uma pancada
ligeira... branda... mais leve...
que tem a força de Deus
Os tambozeiros retumbam
o lamento prrruummm!
os Tucuns o Catandugas
tangoliá tangoliá
a Ilha Grande de Santa Isabel
tangoliá tangoliá
a roncadeira o apito o maracá
fazem o meu boi bumbar
rio, beira-rio, beira-mar, mar
refrão do batalhão, dono do boi
toque do tambor sotaque do amor
bailam no coração dos caboclos
e no curral dos pensamentos,
mais uma vez vivo,
o meu boi contente
para a parnaibanidade
tangoliá

Mensageiro da suavidade

Em um diálogo entre Diego Mendes Sousa e o seu designer editorial, eis que **Paulo Moura** assim evidenciou a conceitual realização da sua arte de ilustrador para a capa do presente livro:



“A capa da obra *Rosa numinosa*, de Diego Mendes Sousa, transmite urgência. As pinceladas vigorosas, aparentemente caóticas, têm um acento de beleza, ou “inatingível anseio de beleza”, no dizer de Mario Quintana.

Rosa numinosa é de inspiração transcendente. O poeta se coloca como mensageiro da suavidade e da beleza mística e divina.

Pensar este livro de Diego foi um grande prazer. Desses prazeres que são possíveis graças ao feliz encontro das Artes”.



Sobre o autor

Diego Mendes Sousa (1989-) é poeta, cronista, crítico, memorialista, filho da Parnaíba (costa do Piauí - Brasil) e autor dos livros de poemas *Divagações* (2006), *Metafísica do encanto* (2008), *50 poemas escolhidos pelo autor* (Edições Galo Branco, 2010), *Fogo de alabastro* (2011), *Candelabro de álamo* (2012), *Gravidade das xananas* (2019), *Tinteiros da casa e do coração desertos* (2019), *O viajor de Altaíba* (2019), *Velas naufragas* (2019), *Fanais dos verdes luzeiros* (2019) e *Rosa numinosa* (2022).

CONTATOS DO AUTOR

e-mail: diego_mendes_sousa@hotmail.com

telefone: (86) 99451-5454

Sumário

| | |
|--------------------------------------|---|
| Prefácio de Clauder Arcanjo | 7 |
| Apresentação de Noélia Ribeiro | 9 |

Gestas das ruínas e dos telhados tostados

| | |
|---|----|
| Gesta da água | 13 |
| Gesta do tempo | 16 |
| Gesta do amor | 19 |
| Gesta do pantempo | 22 |
| Gesta da vivência | 26 |
| Gesta do tédio | 29 |
| Gesta do onírico rio das muitas almas ... | 33 |
| Gesta das vazantes veias | 37 |
| Gesta da coroa de louros ou de espinhos ... | 38 |

Andilhas surradas

| | |
|---|----|
| Nênia ao Delta do Rio Parnaíba: santuário manchado de óleo | 47 |
| Francisco | 53 |
| Coronavírus | 57 |
| Isolamento | 61 |

Alba da alma dispersa

| | |
|------------------------------------|----|
| Efatá! | 67 |
| Amo cantador | 70 |
| Memorial ao morto imaginário | 71 |
| Rosas da terra incógnita | 72 |
| Nênia para um avejão carioca | 73 |
| Cinza | 77 |
| Procura | 79 |
| A terra e o ser | 80 |
| Transitório | 81 |
| Folharal | 82 |

Salmos à gleba das carnaúbas

| | |
|----------------------------------|-----|
| Prelúdio para mar grande | 85 |
| Malúrico | 87 |
| Sonata nos rasgos da praia | 91 |
| O solar do poeta | 93 |
| Sobradão de Dona Auta | 97 |
| Número 548 | 102 |
| O piauiense | 106 |
| Rio | 109 |
| Tambores | 111 |
| Mensageiro da suavidade | 112 |
| Sobre o autor | 113 |



Este livro foi composto nos tipos
Caladea Regular, corpo 13/16 e
Caladea Italic, corpo 21/21 no
bureau gráfico *IrmãodeCriação*
paulo33moura@gmail.com